

AS ÁREAS VERDES NO PROJETO DE BRATKE NO AMAPÁ O conjunto operário da Vila Amazonas

THE GREEN AREAS IN BRATKE'S PROJECT IN AMAPÁ
The working class ensemble of Vila Amazonas

Ana Paula de Oliveira Ribeiro¹,
Dinah Reiko Tutyia² e Caio Gabriel Monteiro Picanço³

Resumo

Projetada pelo arquiteto modernista Oswaldo Bratke na década de 50, a Vila Amazonas está localizada no município de Santana, na Amazônia Amapaense, e apresenta em seu tecido urbano um núcleo habitacional implantado para atender às necessidades de infraestrutura do processo de extração de manganês pela Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI). Dentre as soluções projetuais adotadas, a partir de adequações às singularidades climáticas da região amazônica, estão as áreas verdes e os espaços de jardins vinculados ao conjunto arquitetônico industrial. Após aproximadamente 65 anos de sua implantação, muitas mudanças ocorreram no conjunto edificado, assim como nas áreas livres projetadas pelo arquiteto paulista. Este trabalho analisa o processo de transformação desses espaços, do setor operário da Vila Amazonas, a partir da pesquisa histórica e da observação de campo, comparando as soluções projetuais originalmente adotadas por Bratke e o constante processo de perda e desconfiguração, bem como as suas respectivas consequências.

Palavras-chave: Oswaldo Bratke na Amazônia, conjunto operário da Vila Amazonas, arquitetura amapaense modernista.

Abstract

Designed by the modernist architect Oswaldo Bratke, implanted between the 50s and 60s, Vila Amazonas, located in the municipality of Santana, in the Amapá Amazon Region, encompasses in its urban fabric a housing nucleus implemented to attend the infrastructure needs in the manganese extraction process by the Mining Industry and Commerce (ICOMI), during the period when Amapá was a Brazilian Federal Territory. Among the design solutions adopted, based on adaptations to the climatic singularities of the Amazon region, applied at different scales, the green areas and garden spaces are linked to the implementation of this industrial architectural complex. This work proposes to analyze the process of transformation of these areas, of the working-class village, based on historical research and field observation, comparing the design solutions originally adopted by Bratke and the constant process of loss and disconfiguration of these spaces, as well as their respective consequences.

Keywords: Oswaldo Bratke in Amazônia, working-class of Vila Amazonas, Amapá's modernist architecture.

¹ Graduanda e Iniciação Científica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá (CAU/2019).

² Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, Doutora em História pelo Programa de Pós- Graduação em História Social da Amazônia (UFPA/2023), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPA/2013) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPA/2010).

³ Graduando e Iniciação Científica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá (CAU/2024).

O contexto do Território Federal: o Amapá nas décadas de 40 e 50

O campo da história da arquitetura amapaense, vasto, vem ao longo dos anos tendo seu conhecimento aprofundado, são múltiplos estratos e documentos que a cada visada nos permite uma perspectiva de olhar e refletir sobre a arquitetura histórica do Amapá em sua contemporaneidade. Trazemos neste trabalho um recorte das casas da Vila Amazonas, que denominamos de “a vila não tombada de Oswaldo Bratke na Amazônia”, construída na década de 50 do século XX, o conjunto arquitetônico é parte da estrutura industrial implantada pela Indústria de Comércio e Minérios S.A. (ICOMI).

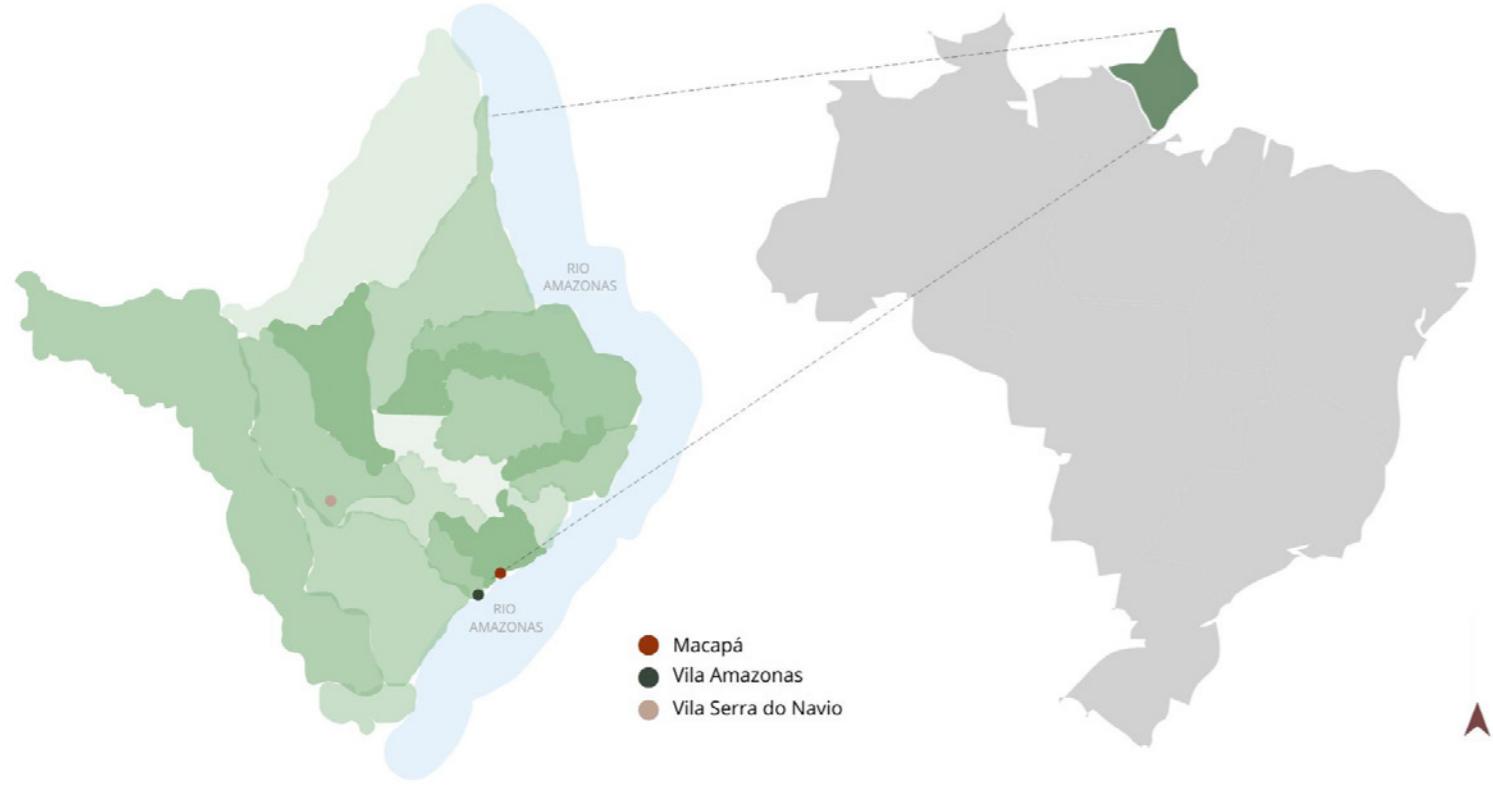
É importante destacar o contexto histórico deste período, foi emblemático para a consolidação de arquiteturas que marcaram a transformação do espaço da cidade do Amapá. O Amapá, que fazia parte do Pará em 1943, tornou-se Território Federal através do Decreto-Lei nº 5.812, que desmembrou os estados do Pará, do Amazonas, do Mato Grosso, do Paraná e Santa Catarina. A capital foi instalada na cidade do Amapá, como previa o Decreto Lei nº 5.839/43, mas Macapá passou a ser sede do novo governo em 1944, quando Janary Gentil Nunes, um oficial do Exército, tomou posse como governador e transferiu a capital por causa das dificuldades de vias fluviais para a cidade do Amapá.

Segundo Lobato (2014), a instauração desse governo deu-se aos moldes do discurso do Estado Novo, mas que vinha sendo construído desde o Governo Provisório: um Estado nacional, centralizador e intervencionista. Segundo Tutyia (2023), a partir dos anos 1930 houve uma política federal de modernização do Pará, por meio de medidas superficiais que não atendiam à demanda efetiva do espaço urbano paraense, concentrando-se apenas em áreas centrais de Belém e que também não se prolongavam ao Amapá. A Amazônia voltou a ser pauta do governo federal em 1937 com o Estado Novo (1937-1945), no qual se buscava uma política econômica de integração e ocupação das regiões da federação ancorada em um projeto ideológico que visava a “construção da Amazônia” (Chaves, 2016). Segundo o autor, os Acordos de Washington e o investimento federal transmitiam a possibilidade de um novo crescimento econômico.

Fausto (2015) afirma que a versão que o Estado Novo tentava construir da História naquele contexto colocava em oposição um Brasil velho, dominado pelas oligarquias, a um Brasil novo, nascido da Revolução de 1930, o qual buscava a integração nacional e era responsável pela entrada do país aos tempos modernos. Esse ponto explica os novos caminhos tomados para a construção da imagem desse Estado autoritário e modernizante.

O Território Federal do Amapá (TFA) foi tomado pelo discurso varguista, a mudança na sociedade deveria vir do trabalho, da educação e da saúde, assim, as décadas de 40 e 50 do século passado foram marcadas pela transformação da paisagem com a inserção de novos equipamentos arquitetônicos com uma linguagem distinta daquela consolidada até 1943. Escolas, hospital, postos de saúde, casas para servidores, hotel e a casa do governador são exemplos de construções executadas dentro desse recorte de tempo. Consideramos que o TFA toma, sobretudo, a linguagem neocolonial como uma unidade do discurso de construção de uma nova era, compondo juntamente com outros elementos um dispositivo de poder⁴. O passado decadente, como apontado

⁴ Segundo Foucault (1979) o dispositivo pode ser considerado como um “conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas” (Foucault, 1979, p. 244). Os dispositivos de poder e saber tornam-se responsáveis pela disseminação e consolidação do projeto ideológico do Estado, e em cada momento histórico, grupos sociais apresentam seus discursos,



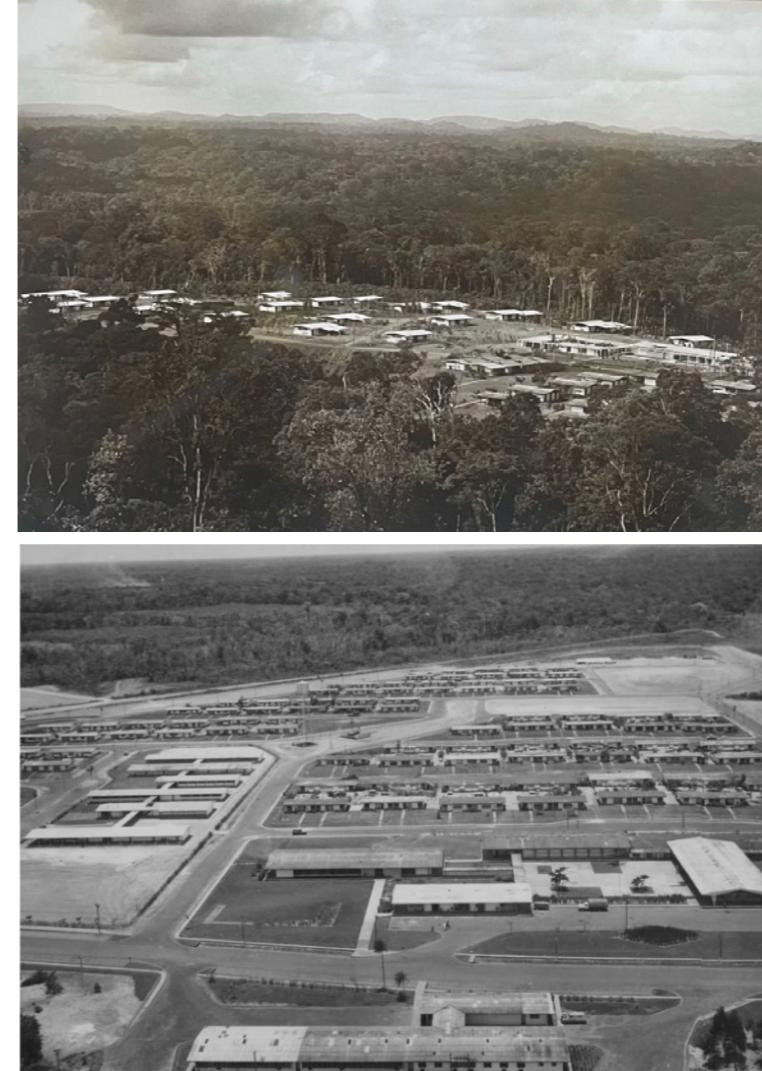
por Janary Nunes (1946), ganhava uma nova fisionomia, uma estrutura modernizante em linguagem arquitetônica, em tipologias e quanto à técnica construtiva empregada.

Segundo Porto (2002) na década de 40 a economia do TFA estava caracterizada pelo extrativismo vegetal e animal, a pecuária e a atuação do exército brasileiro. Nos anos 50 novas diretrizes políticas e administrativas foram implementadas e a economia do extrativismo mineral incrementada contribuindo na estruturação da economia e na transformação da paisagem amapaense.

A Indústria de Comércio e Minérios S.A. (ICOMI)

Neste contexto de implantação do TFA, no ano de 1945 o Governo Federal declarou reserva nacional as jazidas de Serra do Navio, localizada aproximadamente a 210 km de Macapá, passando a haver o fomento à exploração do minério de manganês, apontado como de alto teor e abundante naquela região. Segundo Ribeiro (1992), a Indústria de Comércio e Minérios S.A. (ICOMI) sediada em Belo Horizonte, ganhou a concessão de exploração em 1947, dando início aos serviços de prospecção e dimensionamento das jazidas. O autor afirma que foram assinados vários contratos entre a ICOMI e o Governo do Amapá, onde se previa a concessão de áreas para construção de um porto para escoamento do minério, distante da área das jazidas, a construção de uma estrada de ferro para o transporte, instalações industriais para amparar a atividade da mineração, duas vilas para funcionários.

os quais produzem as verdades daquele período, tais discursos se envolvem, se conectam em uma rede de signos e de outros discursos que contribuem para validar a sua verdade.



A infraestrutura para as cidades industriais de Santana (Vila Amazonas) (Figura 01), onde localizava-se o porto, e de Serra do Navio, onde se fazia a extração do manganês, foi consolidada ao longo da década de 50, e estava em pleno funcionamento em 1960. As atividades da ICOMI perduraram até 1997, e segundo Porto (2002, p.5):

[...] serviu de alavanca na implantação de infra-estruturas locais (estrada de ferro, porto, rodovias e uma usina hidrelétrica), as quais tiveram forte participação do Estado, via incentivos fiscais e aquisição de financiamento externo (Porto, 2002, p.5).

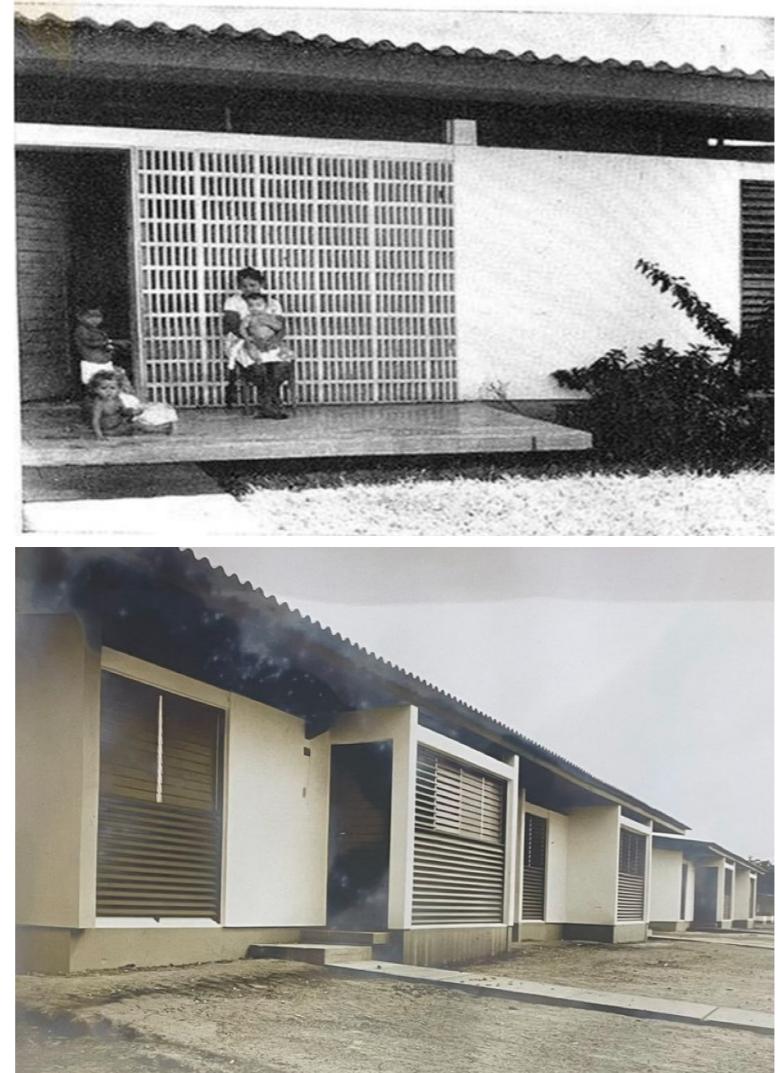
As vilas de Serra do Navio e Amazonas, (Figura 2 e 3)⁵, foram parte do projeto de instalação da empresa ICOMI, e tinham o intuito de abrigar famílias de operários que trabalhavam neste local (Tavares; Tostes, 2018). A ICOMI concedeu ao arquiteto paulista Oswaldo Arthur Bratke a liberdade para iniciar o desenvolvimento do projeto, não impondo formas ou materiais para o empreendimento que foi projetado a partir da concepção modernista.

O arquiteto paulista projetou um complexo com dois núcleos urbanos, dotados de equipamentos para atender um quantitativo de aproximadamente duas mil pessoas, funcionários que atuavam em diversos setores da mineração. Segundo Cunha, Tutyia e Viana (2025), os modelos de Company Towns eram realidades em diversos estados no Brasil, no recente território amapaense os dois núcleos foram criados com a concepção de uma arquitetura que adotou estratégias para o clima da região, sendo uma assertiva enquanto projeto arquitetônico. No artigo da Revista Acrópole (Bratke,

5 Agradecimento ao Centro de Memória, Documentação Histórica e Arquivo da Universidade Federal do Amapá (CEMEDHARQ) pela disponibilização do acervo fotográfico para pesquisa.

Figura 2 - Vista Aérea da Implantação da Vila Serra do Navio. Fonte: Acervo CEMEDHARQ, s/d. Figura 3 - Vista Aérea da Implantação da Vila Amazonas. Fonte: Santana do Amapá, s/d.

Figura 4 - Fachada de uma tipologia de habitação na Vila Amazonas. Fonte: Revista Acrópole, 1966. Figura 5 - Fachada de uma tipologia de habitação na Vila Amazonas. Fonte: Acervo CEMEDHARQ, s/d.



1966), é possível compreender que Oswaldo Bratke observou o modo de vida e a cultura local, tomando alguns pontos como inspiração para o partido arquitetônico do conjunto, como exemplo, as estruturas originárias das ocupações palafíticas da região. Estas ficavam afastadas do solo e o arquiteto, a partir desta observação, utilizou uma elevação de aproximadamente 20 centímetros do solo nas edificações, onde se assentou a alvenaria de fechamento (Figura 4).

Desta forma evitava-se a umidade, semelhante ao sistema funcional das palafitas. Outro exemplo, segundo Cunha, Tutyia e Viana (2025) foi o fechamento da construção, Bratke constatou que alguns modelos vernaculares praticamente não apresentavam estruturas de vedação, seja de alvenaria, seja de madeira, desta maneira, suas edificações habitacionais propostas utilizam pouca vedação em alvenaria nas fachadas, predominando elemento de concreto vazado ou esquadras em venezianas no fechamento dos vãos (Figura 5).

Segundo Correia (2012) a filiação das soluções projetuais e de gestão desses núcleos, estavam ligadas com procedimentos usuais em núcleos fabris, com caráter restritivo à autonomia dos usuários. Além disso, a autora aponta para questões conservadoras e segregacionistas no que tange a concepção das vilas. Bratke (1966) fez referências em relação à separação espacial nas vilas, que foram planejadas a partir da distinção entre operários e dirigentes, áreas denominadas hoje de vila operária e staff. As edificações que atendiam a esses funcionários também eram distintas, e segundo o arquiteto, a grande maioria dos operários eram naturais do Amapá ou de regiões próximas “O homem da região tem condições de moradias bastante precárias, [...] condições muito inferiores àquelas atualmente vigentes, mesmo para habitações do tipo econômico”(Bratke, 1966, p. 20).

Tais características, adotadas nos partidos dos equipamentos das vilas, fizeram desses núcleos experiências significativas da arquitetura modernista adaptada à Amazônia, transformando-as em documento histórico para a memória e história da arquitetura da Amazônia. Esses espaços se distanciaram da realidade habitacional local, e funcionavam como pequenas cidades fortificadas, com restrições de acesso de pessoas externas à ICOMI, assim como restrições internas, pela hierarquia de funções entre seus usuários. Aliado às questões sociais, a estética adotada no conjunto edificado, o sistema construtivo e o aparato tecnológico da indústria da mineração garantiam a dupla realidade vivenciada pelos amapaenses que transitavam entre as vilas da ICOMI e outros espaços das cidades do TFA.

A vila de Serra do Navio tem o projeto urbanístico dividido em quatro zonas: habitacional operária, a mais adensada, e em seu entorno ficaram alocados a escola, o centro de saúde, de compras e área sócio-recreativa; área das residências de solteiros; residencial do staff com o clube e o hotel em seu entorno; área de lazer com quadras de esportes. A vila Amazonas também estava dividida em quatro zonas - na década de 60 Bratke relata haver áreas de expansão para esse núcleo, por apresentar quase o dobro de pessoas previsto na implantação: habitacional operária, com comércio, centro de saúde, escola, cinema, igreja no entorno; habitacional do staff, também próxima ao centro de compras, hotel e clube; área central com as residências para solteiros, é importante pontuar que havia separação por gênero; e às margens do Rio Amazonas estava localizada a área da prática esportiva (Bratke, 1966). As duas vilas apresentam áreas habitacionais denominadas de intermediária, que são constituídas por edificações geminadas, duas unidades, de maior porte em relação às operárias.

Pelaes (2010) verificou em sua pesquisa, o quantitativo de habitações dos núcleos urbanos implantados inicialmente e constatou que a Vila Amazonas, tinha uma totalidade de 329 casas, distribuídas em: Vila Operária com 180 casas; Vila Intermediária⁶, com 72 casas; e Staff com 77 casas. Na vila de Serra do Navio, somavam 334 habitações, distribuídas em: Vila Operária com 216 casas; Vila Intermediária, com 64 casas; e Staff com 54 casas. A autora fez um comparativo desses números em 2007, verificando que a Vila Amazonas teve um acréscimo de 37 residências, possuindo um total de 366 unidades, porém não especificando qual tipologia. Enquanto em Serra do Navio houve totalidade de 367 residências, tendo, desta forma, uma diferença de 33 habitações, também não especificadas. Estes dados mostram que as vilas estavam sofrendo um processo de transformações de sua estrutura original.

Em 2003, a ICOMI encerrou suas atividades e diante da finalização da concessão de exploração das jazidas, as instalações deveriam ser revertidas à União, sem ônus. Segundo Segawa e Dourado (1997), na década de 90 do século XX, as casas operárias da Vila Amazonas vinham sendo alienadas para terceiros, e para os próprios trabalhadores da empresa. O centro de saúde foi transferido para a iniciativa privada, e de acordo com os autores, em 1995 o clube e a casa de hóspede viraram um hotel, fato que hoje não constatado. Naquele contexto, Serra do Navio, ganhou autonomia político-administrativa e foi transformada em município com prefeitura e câmara municipal no ano de 1992. No ano de 2010 a Vila de Serra do Navio, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), fato que vem garantindo relativamente a preservação de parte do acervo ali edificado, porém, o mesmo destino não teve a Vila Amazonas, na qual o não-tombamento vem tendo consequências negativas na preservação da arquitetura original. Na época, a justificativa pelo não-tombamento da

⁶ Bratke denomina “habitacional operário” a parte composta pela “vila operária e vila intermediária”, ambas se diferenciam da área das residências do staff. Aquelas são formadas por subdivisões de duas casas geminadas, e estas por casas maiores e soltas no lote. Neste trabalho utilizamos a denominação “setor operário” para se referir ao conjunto da vila operária e vila intermediária.



Vila Amazonas tinha como motivo uma quantidade de descaracterizações maior de seu conjunto de equipamentos e habitações. Atualmente temos um quantitativo habitacional na Vila de Serra do Navio, segundo o censo 2022 do IBGE, de 1.850 unidades de domicílios, enquanto na Vila Amazonas esse quantitativo soma 497 unidades. Serra do Navio passou por um aumento significativo de suas unidades, com a configuração de novas áreas de expansão no município, incluindo áreas informais⁷. No caso da Vila Amazonas, entre 2007 e 2022 houve um acréscimo de 131 unidades domiciliares - setor operário e staff -, atualmente existem 73 unidades na vila intermediária, 188 na operária e em quadras de expansão há 66 unidades. Estes últimos não apresentam nenhuma relação com o projeto original. A partir dos dados apresentados por Pelaes (2010) houve um aumento apenas uma unidade na vila intermediária, entre a implantação e a atualidade, de 8 na vila operária⁸ e de 66 novas casas na área de expansão, fato que demonstra o processo de transformação pelo qual o espaço tem passado.

Este conjunto, juntamente com uma gama de arquiteturas das décadas de 40 e 50, passa por um processo de apagamento, total ou parcial, os traços do tempo já não se fixam na materialidade. A construção de uma nova fisionomia da cidade é também destrutiva, esvaindo-se matéria e memória, expondo as lacunas de uma política pública efetiva que incida no patrimônio arquitetônico do Estado do Amapá, resguardando tais bens.

Os traços do modernismo na Amazônia: o projeto de Oswaldo Bratke para Vila Amazonas

O processo de concepção dos núcleos habitacionais do Amapá é fruto das influências sofridas por Oswaldo Bratke ao longo de sua construção como arquiteto. A arquitetura moderna que vinha sendo desenvolvida no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, foi uma grande fonte na trajetória de Bratke, o qual a partir de uma série de pensamentos e experiências constituiu um panorama daquilo que seria o “seu moderno

7 A Vila de Serra do Navio passa por um processo de regularização fundiária. Não sendo obtido, até o momento desta pesquisa, os dados referentes aos setores operário e staff.

8 O inventário da Vila Amazonas encontra-se em andamento, em análise comparativa do projeto original e do estado atual do núcleo urbano.



para a Amazônia”. Segundo Camargo (2000), o pragmatismo delineou a concepção projetual do arquiteto, que teve forte influência da corrente racionalista e do empirismo, como base dessa formulação.

Bratke assumiu o empirismo, enquanto posição filosófica, no sentido de tomar a experiência como guia e critério de validade de suas afirmações, e fonte de conhecimento (Camargo, 2000, p. 79). No que tange o racionalismo:

A sua preocupação não era a forma abstrata enquanto tal, mas sim a modulação do sol e da luz, a articulação sensível dos vários espaços, a economia do sistema construtivo, a integração do interior e exterior, de modo a conseguir o maior benefício social com o menor custo possível. O racionalismo como processo de pensamento se converteu, assim, em forma (Camargo, 2000, p. 82-83).

Esse fazer arquitetônico, foi experienciado na concepção dos conjuntos das vilas no Amapá, Serra do Navio e Vila Amazonas, que se deu nas adequações ambientais e culturais desta região. Como mencionado anteriormente, o arquiteto aliou a utilização de linhas retas, da horizontalidade e dos elementos vazados de fechamento da alvenaria às condicionantes climáticas para proporcionar o aproveitamento da luz e da ventilação natural. Segundo Cunha, Tutyia e Viana (2025) o arquiteto utilizou diversos artifícios projetuais para garantir a habitabilidade das edificações para que fossem agradáveis e confortáveis às condições climáticas, como exemplo: refutou o uso de vidro; utilização de aberturas de vãos orientadas preferencialmente para fachadas norte-sul; utilização de elementos vazados em concreto; utilização de beirais; adoção da ventilação cruzada - a alvenaria de parede não se encerra na cobertura, permitindo a fluidez da circulação do ar; utilização de esquadrias em veneziana fixa e móvel em madeira e etc.

Na (Figura 7), observa-se um modelo de casa do setor operário da Vila Amazonas, ainda com as características arquitetônicas originais presentes, como as aberturas superiores entre a cobertura e a alvenaria, o fechamento de vãos com esquadrias de madeira em venezianas móveis e fixas e com a presença do espaço ajardinado com a passarela.

Figura 7 - Fachada de uma tipologia de habitação na Vila Amazonas. Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa História da Arquitetura da Amazônia, 2024.



Quadro 1 - Cobogós da Vila Serra do Navio e Vila Amazonas, respectivamente. Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa História da Arquitetura da Amazônia, 2024. Figura 8 - Croqui de Urbanização da Vila Amazonas, destaque em vermelho para a área da “vila operária e intermediária”, azul para o staff. Fonte: Revista Acrópole, 1966. Adaptado pelas autoras, 2024. Figura 9 - Vista aérea do setor operário da Vila Amazonas. Fonte: Biblioteca IBGE, s/d.

Apesar dos núcleos urbanos terem sido implementados com objetivos semelhantes, no que diz respeito ao atendimento das necessidades de infraestrutura da indústria de minérios, Amaral (2019) destaca que mesmo respondendo à problemas similares, o resultado de suas implantações apresentava notórias diferenças na medida em que foram consideradas as particularidades do território no qual os projetos se apoiavam. A implantação dos equipamentos e das residências foram adaptadas à conformidade e limitações das barreiras geográficas. Juntamente a essa questão, tem-se a diferenciação das tipologias construtivas, como dos hospitais, das escolas e outros, que apresentam projetos distintos e se assemelham enquanto linguagem. Como exemplo, a diferenciação na tipologia das habitações projetadas para cada vila, Bratke não se limitou a replicar as mesmas habitações, mas se propôs a explorar a singularidade de cada uma. No setor operário das vilas, as casas que utilizavam elementos vazados para fechamento de vãos, na Vila Amazonas, os cobogós foram dispostos verticalmente, enquanto na Vila de Serra do Navio, horizontalmente (Quadro 1).

Os espaços verdes do setor operário da Vila Amazonas

Além da concepção das residências para os funcionários, dos equipamentos necessários para atender a demanda dos habitantes, da urbanização (Figura 08), as áreas verdes - espaços de jardins, espaços de integração e praças - assumiram uma relevante função na concepção das vilas.

Observa-se na implantação da Vila Amazonas a existência de áreas livres, e que alguns desses espaços deveriam ser contemplados com as áreas verdes, dentre elas, as áreas de integração e os espaços de jardins. Segundo Correia (2012), nota-se que o plano das vilas recupera procedimentos do urbanismo dos CIAMs e do movimento



cidade-jardim, como hierarquização do sistema viário e profusão de espaços verdes de uso coletivo.

Como colocado anteriormente, Oswaldo Bratke interpretou a paisagem pré-existente à implantação dos núcleos como um jardim-naturalista, que se adequava à realidade daqueles que ali viviam. Este entendimento derivava da observação, da experiência com o espaço e fundamentavam estudos acerca da região, corroborando para a seleção das espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas que iriam compor os espaços verdes. Bratke optou na maioria das vezes por espécies de árvores e plantas nativas e/ou mais adaptadas ao clima e às particularidades da região. Pode-se observar no excerto a seguir, a escolha de algumas espécies na composição do projeto:

Nos espaços livres, sejam êles parques ou pátios de recreio, foram plantados espécies de menor porte, de floração colorida, decorativas ou frutíferas, sombreando e protegendo o terreno, proporcionando ao mesmo tempo um aspecto estético e agradável ao conjunto (Bratke, 1966, p.33)

Na imagem da vista aérea do setor operário da Vila Amazonas (Figura 09), recém implantado, fica evidente as áreas verdes como parte relevante do projeto, a relação entre espaço edificado e áreas livres, demonstra a permeabilidade considerável do projeto. Essas áreas, que receberam forragem vegetais, são identificadas como ferramenta de integração entre os equipamentos urbanos e as habitações, visto a ausência de muros e cercas de delimitação. Nesta fase ainda não estão desenvolvidos os arbustos e árvores, comuns em outras imagens ao longo da década de 60 e contemporânea.

Figura 10 - Representação Esquemática da Implantação inicial do Conjunto Operário e Intermediário da Vila Amazonas, demonstrando as áreas verdes e espaço livre. Fonte: Autores, 2024.

Figura 11 - Jardins das Casas Operárias. Fonte: Revista Acrópole, 1966. Figura 12 - Jardins das Casas Intermédias. Fonte: Acervo CEMEDHARQ.



A imagem a seguir (Figura 10) é uma representação esquemática do recorte do referido setor, com algumas características de implantação que demonstram que no espaço urbano de Bratke há uma relação de “proximidade sombreada, tratada em escala adequada ao clima e propícia a um encontro de convivência dos homens” (Ribeiro, 1992, p.84).

Correia (2012) apresenta algumas características da implantação da Vila:

As áreas livres foram gramadas, ajardinadas e arborizadas com árvores decorativas ou frutíferas. Foram eliminadas as cercas nos jardins frontais das casas. O sistema viário foi hierarquizado, com vias de distribuição envolvendo superquadras e vielas internas para pedestres e veículos (em situações emergenciais). Seu programa remete ao conceito de unidade de vizinhança (Correia, 2012, p. 139).

Observa-se (Figuras 11 e 12) que os espaços de jardins, adornavam o conjunto de fachadas e seguiam um padrão de composição, eram constituídos de espécies de arbustos e outras espécies de floração que exerciam função decorativa. Em decorrência da ausência de muros, eram utilizadas cercas vivas como ferramenta de delimitação dos terrenos.

Ambas as imagens acima evidenciam a cerca viva, que fazia o papel de divisória das habitações, compostas por um arbusto denso, de sol pleno. Segundo entrevista com Rosinete Monteiro⁹, ex-moradora da Vila Amazonas, que vivenciou este espaço em sua infância, a altura dessas cercas vivas chegava aproximadamente a 40 e 80 cm.

⁹ Entrevista concedida por Rosinete Monteiro, 69 anos, em 11 de Julho do ano de 2024, a Caio Monteiro.



Ademais, outra espécie que se destaca, por ser de maior porte, centralizada na (Figura 11), é o Flamboyant (*Delonix regia*), a sua chamativa floração se soma à composição estética dos jardins, também sendo encontrado em algumas unidades a palmeira Ravenala (*Ravenala madagascariensis*), (Figura 14) que se adapta ao clima quente e úmido.

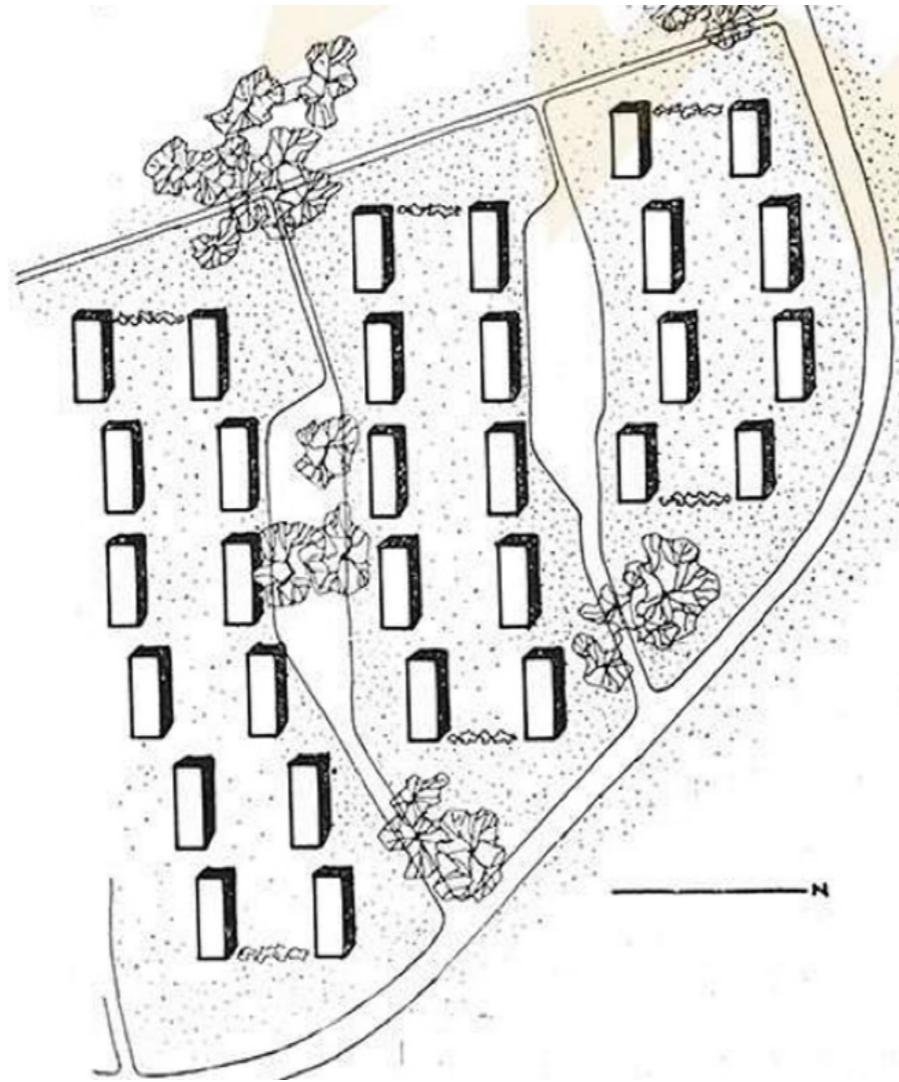
Segundo Correia (2012), a concepção dos núcleos urbanos projetados por Bratke no Estado do Amapá, está estritamente ligada ao projeto civilizatório da ICOMI. Segundo a Rosinete Monteiro, a empresa fazia o controle de todos os moradores nos mais variados aspectos, desde a adequação dos uniformes dos trabalhadores ao modo de se portar na vida pública e privada. A entrevistada afirma que não havia o livre acesso por parte dos usuários do setor operário para o *staff*, relata também que os jardins e edificações estavam inseridos à essa realidade de controle, visto que aqueles os quais encontravam-se em estado de conservação não adequado, sofriam penalidade por parte da empresa. Desta maneira, havia a promoção de concursos de jardins, assim como premiações entre os moradores que evidenciassem o melhor cuidado, como descrito por Rosinete Monteiro:

Eram os próprios moradores que cuidavam, mas eles não deixavam plantar o que quisesse, tinha que ser no padrão deles. Eles sempre passavam inspecionando a limpeza das casas e das telas, os cuidados com o jardim. Eles eram bem rígidos, se não tivesse no padrão eles davam uma chamada, e até premiavam a casa mais limpa, mamãe sempre ganhava¹⁰.

¹⁰ Entrevista concedida por Rosinete Monteiro, 69 anos, em 11 de Julho do ano de 2024, a Caio Monteiro.

Figura 13 - Vista da Vila Amazonas, com destaque para as crianças vivenciando os espaços verdes. Fonte: Biblioteca IBGE, s/d. Figura 14 - Crianças brincando nos espaços de jardins das casas da Vila Amazonas. Fonte: Acervo CEMEDHARQ, s/d.

Figura 15 - Croqui do arquiteto com a representação das pequenas praças. Fonte: Revista Acrópole, 1966.



Para além dos jardins, os espaços livres, parques e pátios de recreios, também são citados como parte integrante das áreas verdes que compõem o setor operário. Constituídos a partir dos recuos e avanços das vias, de sua hierarquização envolvendo as quadras e vielas, sua configuração possibilitou a criação daquilo que Bratke chamou de pequenas praças, espaços que propiciavam a utilização tanto por crianças, quanto por adultos.

Dispondo dessa forma, com a orientação adequada é possível uma boa ventilação e evitar a monotonia existente nas ruas convencionais. As vias locais projetadas, permitem a formação de pequenas praças destinadas ao brinquedo das crianças e ao encontro dos adultos. A disposição adotada, separa o tráfego mecânico daquele dos pedestres (Bratke, 1966, p.28).

Alguns croquis de Bratke (Figura 15), exemplificam a disposição dessas pequenas praças, culminando em espaços de integração centrais em cada via, acrescidos de espécies arbóreas, que promoveriam o sombreamento desses espaços.

Considerações finais: a perda das áreas permeáveis

De acordo com Cunha, Viana, Tutyia (2024), o conjunto da Vila Amazonas vem ao longo das décadas sofrendo inúmeras alterações em suas características originais. No ano de 2010 houve o tombamento federal da Vila de Serra do Navio, enquanto a Vila Amazonas ficou com a ausência do instrumento de preservação patrimonial, sensível às transformações intrínsecas da dinâmica da cidade.



O não tombamento da Vila Amazonas, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelas instâncias municipal e estadual, que poderiam ter uma política preservacionista com as edificações históricas do Estado, contribuiu para o processo de descaracterização constante na Vila, seja nos equipamentos urbanos, seja nas habitações operárias e no staff. Nas imagens abaixo (Figuras 15 e 16), podemos verificar que embora haja descaracterização das edificações, parte do setor operário de Serra do Navio apresentam os espaços verdes, estabelecendo uma relação distinta com a Vila Amazonas que possui a grande maioria das unidades habitacionais muradas e com impermeabilização dos espaços ajardinados.

Diante desse contexto, é notável que os espaços de jardins estão sendo totalmente transformados. Pelaes (2010) ao analisar os conjuntos urbanísticos e arquitetônicos das Vilas em sua pesquisa, no recorte de 1998-2008, já evidenciava a descaracterização da Vila Amazonas, ao pontuar que:

Este conjunto urbanístico, apesar de apresentar inicialmente as mesmas características arquitetônicas, teve suas casas vendidas, o que acelerou o processo de transformação urbana, estas estão quase que em sua totalidade modificadas, e os demais prédios apresentam ocupações diferenciadas dos de sua origem de implantação. Este núcleo, transformado em bairro, apresenta características diferenciadas dos demais (Pelaes, 2010, p. 101).

Decorridos quinze anos após a identificação de Pelaes (2010), as relações estabelecidas entre os usuários da Vila e os espaços que a constituem, incluindo as áreas verdes, demonstram um rompimento com o partido arquitetônico originalmente concebido por Oswaldo Bratke. A elevação de muros em alvenaria contornando os lotes, como elemento delimitador entre as casas geminadas, é um exemplo.

Figura 16 - Exemplo de habitação na paisagem atual da Vila Serra do Navio. Fonte: Autores, 2025. Figura 17 - Exemplo de habitação na paisagem atual da Vila Amazonas. Fonte: Autores, 2025.

Quadro 2 - Imagens de espaços de jardins do conjunto operário da Vila Amazonas totalmente descaracterizados. Fonte: Autoras, 2024. Quadro 3 - Imagens de espaços, anteriormente de jardins, do conjunto operário da Vila Amazonas totalmente descaracterizados. Fonte: Autoras, 2024. Quadro 4 - Imagens de espaços de jardins do conjunto operário da Vila Amazonas parcialmente originais. Fonte: Autoras, 2024. Quadro 5 - Imagens de espaços de jardins do conjunto operário da Vila Amazonas parcialmente originais. Fonte: Autoras, 2024.



A relação de unidade de vizinhança, com a permeabilidade visual, antes possibilitada pela ausência de muros, tem sua ruptura por meio da inserção de extensas estruturas de grades, algumas em ferro, alumínio, outras em metalon, entre outros materiais, que evidenciam, cada vez mais, a busca pelo cercamento das habitações e a desconexão com o entorno.

Ademais, as áreas permeáveis, deram lugar à amplas áreas cimentadas (Quadro 2 e 3), com o acréscimo de revestimentos variados, substituíram áreas antes ajardinadas e floridas, assim como também reduziram a cobertura vegetal que compunham às áreas livres e os espaços de jardins frontais das habitações.

Por outro lado, existem na Vila, em número reduzido, habitações que preservam parcialmente o partido arquitetônico das casas e das configurações de alguns espaços verdes. Mesmo perdendo as composições originais dos espaços de jardim, não murados, apresentam áreas permeáveis, com as passarelas de acesso e as fachadas aparentes, livres de muros altos que impedem a visão da edificação.

Assim, observa-se que a desconfiguração quase que total dos espaços verdes concebidos no projeto original, de implantação da Vila Amazonas, trazem consequências que vão além da descaracterização arquitetônica, como a mudança do índice de permeabilidade do solo da área. O mapa abaixo (Figura 17) apresenta um panorama atual, feito através de visita de campo, que evidencia o processo de redução de áreas permeáveis no setor operário que contempla as habitações de nível operário e intermediário.

Nota-se no mapa que houve a perda significativa de área permeável compostas originalmente pelos jardins. As constantes transformações pelas quais a Vila passa, como a intensificação de construções com pisos não drenantes em áreas livres, a



perda de cobertura vegetal, sobrecarregam a capacidade de infiltração do solo e vazão de águas pluviais, podendo acarretar em períodos chuvosos da região amazônica os alagamentos. Ademais, a elevação da temperatura e da radiação urbana está estreitamente associada à intervenção equivocada nesses espaços. Desta forma, torna-se necessário a elaboração de diretrizes que visem auxiliar as novas construções e reformas no conjunto, para que o processo de intervenção neste espaço seja realizado de forma harmoniosa com os poucos remanescentes originais.

Referências

- AMARAL, L. R. *As casas de Oswaldo Arthur Bratke: uma análise gráfica da obra.* 2019. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARATA, Junior Mario Luiz. *O mestre aprendiz: O legado de Oswaldo Bratke no Amapá.* 2020. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro.
- BRASIL, Decreto Lei no 5.839 de setembro de 1943. Dispõe sobre a administração dos Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú. Diário Oficial da União: Seção 1, Rio de Janeiro, 1943.
- BRATKE, Oswaldo Arthur. Núcleos Habitacionais no Amapá. *Acrópole*, São Paulo, n. 326, p.1- 22, mar.1966.

Figura 18 - Mapa de permeabilidade do solo do Setor Operário da Vila Amazonas. Fonte: Autores, 2025.

COSTA CABRAL, C.; DALL'ALBA, A. Subúrbio e arquitetura moderna: arquiteturas-paisagem de Oswaldo Bratke e Lina Bo Bardi. *Revista Thésis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 2023.

CAMARGO, Mônica Junqueira de. *Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*. 2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. *O Plano de Urbanização de Belém: Cidade e Urbanismo na década de 1940*. 2016. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia, Belém.

CORREIA, Telma de Barros. *Bratke e o projeto civilizatório da Icomi*. PosFAUUSP, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 31, p. 132–145, 2012.

COSTA, Ana Cynthia Sampaio. *Preservação da arquitetura moderna na Vila Serra do Navio-Amapá*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de engenharia civil e arquitetura e urbanismo, Campinas.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LOBATO, Sidney da Silva. Federalização da fronteira: a criação e o primeiro governo do Amapá (1930-1956). *Revista Territórios e Fronteiras*, vol. 7, n.1, jan.-jun., 2014.

NUNES, Janary. *Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá em 1944*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

PELAES, Fátima Maria Andrade. *Uma análise dos conjuntos urbanísticos e arquitetônicos das vilas Serra do Navio e Amazonas (1998-2008)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Macapá.

PORTO, J. L. R. *Amapá: Principais transformações econômicas e institucionais - 1943 a 2000*. 1 ed. Macapá: Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Amapá - SETEC, 2003. v. 1. 198 p.

RIBEIRO, Benjamin Adiron. *Vila Serra do Navio: Comunidade urbana na selva amazônica: um projeto do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: Pini, 1992.

RIBEIRO, Ana Paula Oliveira; PICANÇO, Caio Gabriel Monteiro. Áreas verdes no projeto de Oswaldo Bratke no Amapá: análise do processo de transformação dos espaços de jardins no conjunto operário da Vila Amazonas. In: *ANAIIS X SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE E NORDESTE: CONSERVAR JÁ, DOCUMENTAR SEMPRE!*. Campina Grande: UFCG, UNIFACISA, 2024.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2002.

SEGAWA, Hugo; DOURADO, Vicente. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, 1997.

TAVARES, Ana Paula Cunha; TOSTES, José Alberto; A poética de Oswaldo Bratke e a arquitetura vernacular na casa moderna da Vila Amazonas. In: *Arquitetura e cidades amazônicas: Os sentidos do moderno e os desafios contemporâneos. SAMA-III SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA*, Belém, 2018.

CUNHA, Amanda; TUTYIA, Dinah Reiko; VIANA, Wendy. Vila Amazonas e o processo de apagamento do projeto de Oswaldo Bratke para o Território Federal do Amapá. In: AFONSO, Alcília. (Org.). *Documentação e conservação do patrimônio moderno no norte e nordeste brasileiro: documentar sempre, conservar já*. Campina Grande: 2025.

TUTYIA, Dinah Reiko. *Ernesto Cruz: um diálogo entre a história e a construção do patrimônio cultural no Pará (1940-1960)*. 2023. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia, Belém.